A RESISTÊNCIA LINGUÍSTICA NA SEGURANÇA PÚBLICA: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DO VOCABULÁRIO GÍRIO DOS AGENTES DE SEGURANÇA EM JEQUIÉ/BA

Roberto Claudio Mendes dos Santos Filho
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0006-9388-8847
Endereço eletrônico: robertocmsf@gmail.com

Valéria Viana Sousa
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8243-9281
Endereço eletrônico: valeria.viana.sousa@uesb.edu.br

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista; comunidade de prática; gíria de grupo; linguagem policial.

INTRODUÇÃO

A segurança é um pilar fundamental para o bem-estar social, ligada à qualidade de vida e ao crescimento socioeconômico (Rodrigues, 2009). Diante de cenários de (des)ordem global e avanço da criminalidade, as forças policiais combatem a violência e reforçam a percepção de proteção coletiva (Leeds, 2021). No Brasil, o aumento do crime exige adaptação a riscos complexos, realidade flagrante em Jequié/BA, município com elevados índices de mortes violentas decorrentes de disputas territoriais do tráfico (FBSP, 2023; Tomazela, 2023).

Nesse panorama de pressões externas, a linguagem — sob o viés laboviano — ultrapassa a transmissão de dados e reflete as reconfigurações estruturais, identitárias e de poder da sociedade (Pereira; Sousa, 2024). Grupos com rotinas de alta periculosidade desenvolvem normas próprias que os fazem constituir, entre outras características, legítimas comunidades de prática (Eckert, 2008). Na Polícia Militar, isso se concretiza em gírias de grupo: códigos estruturados para autoproteção do conteúdo falado, pertencimento institucional, identificação e otimização da fala (Preti, 2006; Pereira, 2023).

Frente às instabilidades locais, as práticas linguísticas da corporação operam de forma dicotômica: garantem a fluidez e a segurança das transmissões táticas (Dias, 2013) e atuam como estratégia de ordenação interna face às desordens externas. Assim, o problema de pesquisa delimita-se por meio da seguinte reflexão: de que modo o vocabulário gírio dos policiais de Jequié/BA é estruturado e utilizado? E, assim, como atua na identidade e proteção tática do grupo? O objetivo geral, diante dessa questão, é investigar o papel desse vocabulário sob a ótica da Sociolinguística Variacionista (Labov, 1994), analisando sua influência na comunicação interna e suas funções sociais e linguísticas.

METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos, a pesquisa apoia-se na Sociolinguística Variacionista (Labov, 1994) e no conceito de comunidade de prática (Eckert, 2008). Adota-se uma abordagem mista (quali-quanti), classificada como descritiva, transversal e não-experimental (Sampieri *et al.*, 1998; Gil, 2002). O caráter transversal justifica-se, pois, a coleta concentra-se em um recorte sincrônico para captar o fenômeno em seu contexto atual de uso.

A comunidade de prática envolve policiais militares de ambos os sexos, diferentes faixas etárias, escolaridades e patentes (soldados, cabos, subtenentes e tenentes) em Jequié/BA. O *corpus* será tripartite: fichas de perfil social, questionários estruturados e transcrições de entrevistas semiestruturadas, por revelarem as percepções dos participantes (Minayo, 2001). No plano quantitativo, o estudo rastreará a frequência do uso desses códigos, correlacionando-os às variáveis independentes. Como variáveis independentes linguísticas, consideram-se metaforização, economia linguística, extensão semântica e ampliação lexical; as extralinguísticas incluem posto hierárquico, sexo, faixa etária e escolaridade. A variável dependente, por sua vez, é a ocorrência e frequência de uso das gírias identificadas no *corpus*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por se tratar de uma pesquisa em andamento, foram concluídas as etapas de revisão bibliográfica, delimitação do objeto, definição das variáveis analíticas e elaboração dos instrumentos de coleta. A sistematização do referencial teórico permitiu identificar a recorrência de processos de metaforização, extensão semântica, ampliação lexical e codificação linguística em contextos marcados por relações de poder, sigilo e pertencimento

grupal.

A literatura aponta que expressões da práxis policial — como as designações numéricas "021" (descontrole) e "051" (embriaguez), ou o vocábulo protetivo "Steve" (colega de farda) — reduzem ruídos e preservam o sigilo tático das ações (Dias, 2013). Perante a desordem gerada pela violência urbana (Azevedo, 2024), a linguagem tático-policial emerge como resposta adaptativa voltada à eficiência operacional e à sobrevivência.

As discussões preliminares indicam que essa variação semântico-lexical não é aleatória, mas motivada por demandas de coesão e autodefesa. Processos de metaforização e extensão semântica tornam o conteúdo menos acessível a indivíduos externos à comunidade de prática. Essa natureza criptológica assemelha-se à observada em outros contextos socioinstitucionais, como o ambiente de privação de liberdade (Pereira, 2023; Pereira; Sousa, 2024). Espera-se, com o desenvolvimento da pesquisa, demonstrar como variáveis sociais, especialmente o posto hierárquico e o tempo na corporação, influenciam a seleção e difusão dessas expressões identitárias.

CONCLUSÕES

A realização deste estudo, mesmo em sua etapa inicial, permite sinalizar a relevância de investigar o vocabulário policial militar sob o rigor metodológico da Sociolinguística Variacionista. As reflexões preliminares sugerem que a linguagem de grupo não se limita a um conjunto acessório de termos informais, mas constitui uma ferramenta estratégica de sobrevivência, ordenação e afirmação identitária diante das pressões sociais e operacionais vivenciadas no cotidiano da segurança pública.

Os pressupostos teóricos analisados indicam que a gíria policial pode mitigar as ambiguidades comunicativas em momentos críticos de atuação tática, impactando potencialmente a eficácia das ações coletivas e a preservação da integridade física dos agentes de segurança. Espera-se que a finalização da coleta e a respectiva tabulação quali-quanti dos dados forneçam à comunidade acadêmica e à própria instituição policial um mapeamento descritivo consistente acerca das dinâmicas linguísticas em contextos profissionais, demonstrando como a língua se move, se reorganiza e resiste face às complexas demandas estruturais da sociedade contemporânea e que as características de fala presentes em um comunidade com atividades profissionais comuns fazem desse grupo uma comunidade de

fala.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Rodrigo Ghiringhelli de. **O que dizem os dados da violência no Brasil?**. Jornal GGN, 2024. Disponível em: https://jornalggn.com.br/politica/brasil-o-que-dizem-os-dados-da-violencia-por-rodrigo-azevedo/. Acesso em: 9 mar. 2025.

DIAS, Edson. **Gírias e códigos na linguagem policial**. Folha de Londrina, Londrina, 2013. Disponível em: https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/girias-e-codigos-na-linguagem-policial-458996.html?d=1. Acesso em: 9 mar. 2025.

ECKERT, Penelope. Communities of practice. In: AMMON, Ulrich *et al.* (org.). **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society.** 2. ed. Berlin: Walter de Gruyter, 2008. p. 454-467.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023.** São Paulo: FBSP, 2023. Disponível em: https://publicacoes.forumseguranca.org.br/items/6b3e3a1b-3bd2-40f7-b280-7419c8eb3b39. Acesso em: 9 mar. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LABOV, William. **Principles of linguistic change**. Oxford: Blackwell, 1994.

LEEDS, Elizabeth. A sociedade civil e a segurança cidadã no Brasil: um relacionamento frágil, mas em evolução. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, *[S. l.]*, v. 7, n. 2, p. 134–142, 2021. DOI: 10.31060/rbsp.2013.v7.n2.378. Disponível em: https://revista.forumseguranca.org.br/rbsp/article/view/378. Acesso em: 1 jun. 2026.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PEREIRA, Eliane Souza. **Mulheres invisíveis:** uma análise sociolinguística sobre o uso das gírias por encarceradas em um presídio baiano. 2023. 141 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2023.

PEREIRA, Eliane Souza; SOUSA, Valéria Viana. De “Mulas a Jackas”: um retrato sociolinguístico da linguagem em uso por mulheres em prisões brasileiras. **Cuadernos de Educación y Desarrollo,** v. 16, n. 11, e6281, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.55905/cuadv16n11-046. Acesso em: 9 mar. 2025.

PRETI, Dino**. Estudos de língua oral e escrita.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

RODRIGUES, José Geraldo. **Segurança pública e comunidade:** alternativa à crise. Porto Alegre: Sérgio Antônio Fabris Editor, 2009.

TOMAZELA, José Maria. **Jequié, na Bahia, tem maior taxa de mortes violentas do Brasil:** "isso muda a rotina da cidade". Estadão, São Paulo, 2023. Disponível em: https://www.estadao.com.br/brasil/jequie-na-bahia-tem-maior-taxa-de-mortes-violentas-do-brasil-isso-muda-a-rotina-da-cidade/. Acesso em: 9 mar. 2025.